

Revista Ética e Filosofia Política – Volume 10 – Nº 2

Dezembro de 2007

*Phainomenon e lógos na apropriação de fenomenologia de Heidegger: uma leitura do § 7 de *Ser e Tempo**

*Paula Campos*¹

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em ciência da Religião na área de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de fora- MG

“O essencial para ela (a fenomenologia) não consiste em realizar-se como ‘movimentos’ filosóficos. Acima da atualidade está a possibilidade. Compreender a fenomenologia quer unicamente dizer: captá-la como possibilidade”.

M. Heidegger, *Ser e Tempo*, p. 38

Resumo: O presente artigo pretende discutir e analisar os conceitos de *phainomenon* e *lógos* explicitados por Heidegger no § 7 de *Ser e Tempo*, de modo a pensar o termo fenomenologia conforme a compreensão/apropriação do autor. Adentrar nesses conceitos nos remete ao âmago do pensamento heideggeriano e, portanto, lançaremos mão de leituras de textos posteriores a *Ser e Tempo* tais como as conferências *Lógos (Heráclito, fragmento 50)*, pronunciada em 1951 e *Alétheia (Heráclito, fragmento 16)*, lida pela primeira vez no semestre de verão de 1943, ambas encontradas em *Ensaio e Conferências* e *Que é Isto - A Filosofia*, pronunciada em agosto de 1955.

Palavras-chave: Fenomenologia, Heidegger, *phainomenon*, *lógos*, *Ser*.

No § 7 de *Ser e Tempo*, Heidegger conduz a discussão sobre o modo como a questão do Ser deve ser tratada. Encontramos nele o cerne do confronto do pensamento de Heidegger com a fenomenologia de seu mestre Husserl, confronto este que se refere à refutação das bases, trabalhadas no pensamento de Husserl, para a consolidação de uma “nova filosofia”. Para Heidegger, a filosofia é ontologia e a fenomenologia uma via de acesso, ou seja, um método para a ontologia. Ao contrário, Husserl entende que fenomenologia e filosofia coincidem, dizem o mesmo.

Enquanto para Husserl a fenomenologia coincide com a própria investigação que a filosofia, como “ciência rigorosa”, é capaz de desenvolver, para Heidegger a filosofia é ciência do ser, ontologia, e a expressão fenomenologia indica apenas um método. Para Heidegger a fenomenologia não visa de maneira alguma, como em Husserl, individualizar o que (*was*) um objeto é em seu conteúdo essencial, ou seja, a sua forma eidética, através de um processo de “redução” que coloca entre parênteses os dados concretos e acidentais. Para Heidegger a fenomenologia não deve buscar colher na sua plena evidência aquilo que

imediatamente se dá, “em carne e osso”, a uma visão intencional da essência, com base daquele princípio de todos os princípios que Husserl enunciara no primeiro livros das *Idee*: “Toda visão originalmente oferente é uma fonte legítima de conhecimento, [...] tudo aquilo que se dá originalmente na intuição deve ser assumido como se dá, mas também apenas nos limites em que se dá”. Para Heidegger, com efeito, fenomenologia indica o como (*wie*) se efetiva aquela investigação filosófica que pretende aprofundar o ser em seu sentido, ou seja, indica o modo em que o próprio ser, por seu manifestar-se, pode ser considerado como tema.²

O conceito de fenomenologia é retomado por Heidegger de modo a ser pensado como ontologia. Resgatando a etimologia do termo fenomenologia, o autor intenta pensar o que está em jogo tanto em *phainomenon* quanto em *lógos*. A busca pela força das palavras gregas fundamentais faz-se necessária para se pensar para além da tradição metafísica. Isto significa pensar o solo fundamental no qual se assentam todas as discussões do pensamento ocidental, solo este que, como não pensado com suficiente atenção, parece estranho diante das fórmulas consabidas do pensamento. Este é o procedimento da “destruição da história da ontologia” que visa retomar as fontes da origem de modo a pensar o que pela tradição permaneceu impensado.

A tradição assim predominante tende a tornar tão pouco acessível o que ela ‘lega’ que, na maioria das vezes e em primeira aproximação, o encobre e esconde. Entrega o que é legado à responsabilidade da evidência, obstruindo, assim, a passagem para as ‘fontes’ originais, de onde as categorias e os conceitos tradicionais foram hauridos, em parte de maneira autêntica e legítima. A tradição até faz esquecer essa proveniência. Cria a convicção de que é inútil compreender simplesmente a necessidade de retorno às origens.³

Phainomenon deriva de *phaino*, um fazer brilhar e de *phôs*, uma luz que faz aparecer, que torna visível. *És Tò phôs ti*: trazer qualquer coisa à luz do dia. *Phainomenon* diz tudo aquilo que é passível de ser posto à luz, tudo aquilo que resplandece, iluminando-se. Para Heidegger, este se

² ARAÚJO: *Ser e Tempo*. Fotocópias de textos-aulas apresentados em disciplina ministrada durante o 2º semestre de 2007 no Curso de Graduação em Filosofia da UFJF. Juiz de Fora. Texto-aula 3, p. 32.

³ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 49-50.

colocar à luz do *phainomenon* não pode ser compreendido como uma exposição pura. O *phainomenon* só pode se mostrar assim como é, a partir de uma clareira (*Lichtung*) que se ilumina. Ele só é possível na abertura do Ser. O Ser permite que algo venha à luz e se mostre mas, no entanto, ele (o Ser) permanece em uma espécie de penumbra. O Ser, enquanto se apresenta e se deixa ver como *phainomenon*, encontra-se na fronteira da ausência. A clareira do Ser não deixa os entes (aquilo que se deixa ver) simplesmente expostos à luz. Ela só se dá na proximidade da penumbra, o Ser só se mostra conjugado à ausência: este é o modo próprio de surgimento de tudo aquilo que é. Fora deste jogo só nos restaria a mais pura escuridão. Aquilo que se põe à luz (*phainomenon*), dá-se, dinamicamente, como surgimento que tende ao encobrimento. Esta dinâmica é propiciada pelo que Heidegger compreende e interpreta por *lógos*.

O sentido de *lógos* deve ser descortinado das malhas interpretativas da tradição metafísica que o compreende como palavra, discurso, razão, proporção. O que deve ser posto em questão é como *lógos* veio a significar tais conceitos. Heidegger encontra em Heráclito (540/480 a.C) o sentido básico de *lógos* como âmbito acolhedor e reunidor de tudo o que é, que em sua dinâmica traz à tona o que se encontrava oculto. Ou seja, como âmbito que subsidia o surgimento dos entes a partir do Ser. Em grego, *lógos* corresponde ao verbo *légo*: reunir, ordenar e a *légein*: dizer. O *lógos* pensado por Heráclito reúne em si tudo o que se põe a mostrar, possibilita o mostrar-se do *phainomenon*. A dinâmica de dispersão e retração do *lógos*, deixa ser o *phainomenon*.

No *lógos*, a *physis* (para Heidegger, o próprio Ser) adentra o surgimento. Trazendo à luz o que se encontrava encoberto, o *lógos* favorece o surgimento da *physis*. Ao mostrar-se desde a *physis*, ele se desdobra em um recolhimento. Ela surge, então, na mirada de um declínio. O fragmento número 123 de Heráclito nos diz: "Natureza (*physis*) ama esconder-se".⁴ Ela, ao adentrar o surgimento, favorece o encobrimento. Isto porque não se dá, neste surgimento, a plenitude do desvelamento do Ser. O Ser apenas se deixa entrever no mostrar-se dos entes. Pensar o advento do Ser em sua dinâmica constitutiva é pensar desde o "entre" que se oferece no desencobrimento dos entes. Pensar desde o aberto do Ser, que não oferece determinações e fixações, mas possibilidades que poderão ou não ser realizadas. O Ser não se deixa capturar em uma essência; ele se constitui como pura possibilidade que, ao se determinar como isso ou como aquilo, esconde-se enquanto clareira iluminadora que libera o ente para o aberto. O Ser se

⁴ HERÁCLITO. *Fragments*. Tradução de José Cavalcante de Souza. 2 a.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores).

mostra/ocultando. Pensar nesta ambiência de jogo significa pensar as coisas em sua facticidade, em sua concretude. Trata-se de pensar como as coisas podem se dar desde essa tensão de presença/ausência que nos abre a uma dimensão que, muito embora nos seja constitutiva, nos parece sempre distante. Essa dimensão de mistério que nos remete já sempre à ausência do Ser em seu apresentar-se abre caminho para uma ontologia que se proponha vislumbrar o Ser em sua dinamicidade. A fenomenologia compreendida como ontologia é eleita por Heidegger como método apropriado para a investigação filosófica. Esta visa colher as coisas em sua dinâmica constitutiva, em seu ocorrer essencial (*Wesen*) do surgimento que tende ao encobrimento.

A fenomenologia é a via de acesso e o modo de verificação para se determinar o que deve constituir tema da ontologia. A ontologia só é possível como fenomenologia. O conceito fenomenológico de fenômeno propõe, como o que se mostra, o ser dos entes, o seu sentido, suas modificações e derivados. Pois, o mostrar-se não é um mostrar-se qualquer e, muito menos, uma coisa “atrás” da qual esteja outra coisa ‘que não se manifesta’. Atrás dos fenômenos da fenomenologia não há absolutamente nada, o que acontece é que aquilo que deve tornar-se fenômeno pode-se velar. A fenomenologia é necessária justamente porque, de início e na maioria das vezes, os fenômenos não se dão. O conceito oposto de ‘fenômeno’ é o conceito de encobrimento.⁵

Sob este ponto de vista, novas possibilidades de se pensar o *lógos* se abrem. A corrente de interpretação de *lógos* como *apophansis* (fazer ver o que se diz no discurso, declaração) que ganha força e forma no pensamento de Aristóteles, mostra-se como um modo possível de compreensão do *lógos*, não o único e nem o mais originário. Para Aristóteles, o *lógos* como *apophansis* constitui a forma de investigação filosófica por excelência porque pode ser verdadeiro ou falso, de acordo com a declaração. Para Heidegger, o *lógos* e o *phainomenon* encontram-se também indissociáveis da questão da verdade mas, para ele, a verdade não se dá primeiramente como concordância, adequação. Heidegger compreende/interpreta a verdade como *alétheia* (não esquecimento).

O filósofo pensa *alétheia* como desvelamento dos entes através do Ser. O vir à tona de algo que se encontrava encoberto. Neste sentido é que podemos pensar *lógos* e *phainomenon* em

⁵ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.66.

sua remissão a *alétheia*. O desvelamento do Ser se dá no *phainomenon*, propiciado pelo *lógos* - o reunidor.

A verdade como *alétheia* não pode ser fixada; ela ocorre na liberação do ente que se dá na retração do Ser. Na clareira (*Lichtung*) do Ser, o iluminar ambienta-se no penumbrar. A dinâmica da *alétheia* ocorre desde este iluminar/penumbrar do Ser.

A clareira (*Lichtung*) não alumia (*beleuchtet*) apenas presentes (*Anwesendes*), mas ela, primeiramente o reúne e o resguarda em uma Presença (*Anwesen*). Entretanto, qual é o modo da presença de Deuses e Homens? Eles não são alumiaados apenas na Clareira, mas iluminados (*erleuchtet*) a partir dela e para ela. Assim, ao seu modo, eles então têm a capacidade de realizar o aclarar (*Lichten*) (trazer na completude de sua essência) e de resguardar (*hüten*) através da Clareira. Deuses e Homens não estão apenas expostos a uma Luz, como se esta fosse algo de sobrenatural, de modo que eles nunca pudessem se esconder dela no escuro. Eles são aclarados (*gelichtet*) na sua essência (*Wesen*). Eles são entreluzidos(*erlichtet*): co-apropriados (*vereignet*) na *Ereignis* da Clareira, por isto nunca ocultados, mas desabrigados (*ent-borgen*), este ainda pensado em outro sentido. Como pertence ao distanciar da distância (*Ferne*) o atrever-se da clareira mantenedora e retentora, agora a ser pensado no sentido do desabrigado do abrigado (*Entborgehen der bergenden*). Eles estão lançados, reunidos em suas essências para no ocultamento do Mistério apropriar o *lógos* no *homologéin*.⁶

O *lógos* se dá na abertura constitutiva do homem a partir da clareira do Ser : no *homologéin*. O apropriar-se de sua essência depende, para o homem, do fato de corresponder (*ent-sprechen*) ou não ao *lógos*: ao que se aclara/entreluzindo na clareira. A correspondência do homem ao *lógos*, o *homologéin*, refere-se à atenção deste à sua pertença ao Ser desde o âmbito aberto pela clareira. Esta não é aberta pelo homem, mas é ele que oferece o espaço de acontecimento da abertura. O homem se constitui nesta abertura que só pode ocorrer nele. No entanto, ele não tem domínio sobre ela, sobre este aclarar-se do Ser justamente porque o modo

⁶ HEIDEGGER, Martin. *Vorträge und Aufsätze*. 1. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2000; HEIDEGGER, Martin. “Alétheia (Fragmento 16)”. In: *Ensaaios e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 246.

de mostrar-se do Ser é escondendo-se. A luz quando ilumina, libera o aberto mas enquanto atenta para o que se abre nesse aberto. O homem deixa de atentar para o próprio aclarar, não por uma falha sua mas pelo próprio entreluzir do Ser que se oferece e se esconde. Na conferência *Alétheia* (*Heráclito, fragmento 16*), Heidegger diz:

Os mortais lidam sem cessar com a reunião recolhedora, que descobre e encobre. Lidam sem cessar com a reunião que clareia em sua vigência tudo o que vige. Eles se afastam, porém, da clareira, voltando-se somente para o vigente, voltando-se somente para o que encontram imediatamente, na lida cotidiana com tudo e cada um. Os mortais consideram que essa lida com o vigente confere, como que de per si, a familiaridade adequada. O vigente se lhes mantém, no entanto, estranho. Pois eles não entrevêm nada daquilo com o que estão familiarizados: não entrevêm nada do vigorar que clareando deixa e faz aparecer a cada vez o vigente. O *lógos*, sob cuja luz eles vão e vêm, se lhes mantém encoberto, é por eles esquecido.⁷

O voltar-se do homem para sua pertença ao Ser, para o *lógos* (a reunião recolhedora) dá-se no *homologéin* – a correspondência (*ent-sprechen*) do homem ao *lógos* em resposta (*Antwort*) ao seu apelo. Em sua essência, *lógos* e homem estão reunidos no mistério do ocultamento; o voltar-se do homem para a sua morada no mistério “apropria o *lógos* no *homologéin*”. O apropriar-se do *lógos* no *homologéin* possibilita que o Ser se dê em sua verdade. Devemos nos perguntar de que forma o homem deve voltar-se ao *lógos* em uma atenção a ele, para corresponder/responder ao seu chamado. Nas palavras de Heidegger, na conferência intitulada *O que é isto - a Filosofia?* pronunciada em agosto de 1955, a questão se formula da seguinte maneira:

Eis o teor: será primeiro necessário fazer um esforço para atingirmos a correspondência ao ser do ente? Não estamos nós homens já sempre numa tal correspondência, e não apenas de fato, mas do mais íntimo de nosso ser? Não constitui esta correspondência o traço fundamental de nosso ser?

Na verdade, esta é a situação. Mas, se a situação é esta, então não podemos dizer que primeiro nos devemos situar nesta correspondência. E, contudo, dizemos isto com razão. Pois nós residimos, sem dúvida, sempre e em toda parte, na correspondência ao ser do ente; entretanto, só

⁷ HEIDEGGER, Martin. “Alétheia (Heráclito, Fragmento 16)”. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 248.

raramente somos atentos à inspiração do ser. Não há dúvida que a correspondência ao ser do ente permanece nossa morada constante. Mas só de tempos em tempos ela se torna um comportamento propriamente assumido por nós e aberto a um desenvolvimento. Só quando acontece isto correspondemos propriamente àquilo que concerne à filosofia que está a caminho do ser do ente. O corresponder ao ser do ente é a filosofia; mas ela o é somente então e apenas então quando esta correspondência se

exerce propriamente e assim se desenvolve e alarga este desenvolvimento. Este corresponder se dá de diversas maneiras, dependendo sempre do modo como fala o apelo do ser, ou do modo como é ouvido ou não ouvido um tal apelo, ou ainda, do modo como é dito e silenciado o que se ouviu.⁸

Muito embora o homem habite a proximidade do Ser, deve tornar próprio esse habitar no *homologéin*, a atenção e demora junto ao Ser. Como diz Heidegger na conferência acima citada, a filosofia é o exercício dessa correspondência e, como vimos mais acima, tal correspondência se dá na atenção e escuta do Ser em sua dinâmica essencial: desde o âmbito do mistério. A correspondência à dinâmica do Ser trata-se da correspondência à retração que nos atrai.

O que de nós se retrai à maneira mencionada, afasta-se para longe de nós. Mas precisamente isso nos leva junto e, à sua maneira, nos atrai. O que se retrai parece estar absolutamente ausente. Mas essa aparência engana. O que se retrai se faz vigente – a saber, através do fato de nos atrair, quer percebamos agora, depois ou mesmo nunca. O que nos atrai já concedeu encontro. Tomados pela atração da retração, já estamos no impulso para isso que nos atrai, à medida que se retrai.⁹

A correspondência do homem ao que diz o *lógos*, ou seja, à dinâmica de dispersão/retração do Ser entrelaça homem e Ser em sua referência constitutiva. Ainda que não atentemos, que não nos voltemos para a abertura/fechamento, para o mistério que nos constitui, nos encontramos sempre já na abertura deste impulso que, retraindo-se, nos atrai. Desde esta dimensão de mistério, na qual o Ser se retrai nos atraindo, ganhamos a propriedade de nossa essência.

⁸ HEIDEGGER, Martin. “O Que é Isto – Filosofia?”. *Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 218. (Col. Os Pensadores)

⁹ HEIDEGGER, Martin. “Alétheia (Heráclito, fragmento 16)”. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 116.

No fragmento 50 de Heráclito, temos: “Auscultando não a mim, mas o *lógos* é sábio concordar que tudo é um.”¹⁰ Neste entrelaçar, homem e Ser encontram-se em um ocorrer essencial no qual o *lógos* se deixa entrever na escuta acolhedora do homem: no *homologéin*. Este possibilita que Ser e homem se dêem em uma dinâmica essencial.

Phainomenon, *lógos*, *homologéin*, *alétheia* dizem o Ser em sua dinâmica essencial. Nesta dinâmica, o Ser pode ser pensado como o *phainomenon* originário, como aquele que se mostra desde si mesmo e faculta aos entes que emergem na dimensão de mistério (presença/ausência do Ser).

A tradição do pensamento filosófico tendeu a pensar o Ser desde o iluminar, desde a perspectiva da presença (*Anwesen*). Dessa forma, permanece esquecido o jogo a partir do qual o Ser se dá. Este esquecimento permite que *lógos*, *phainomenon* e *alétheia* sejam pensados em sentidos não originários, mas derivados da compreensão do Ser como presença. Resgatar esses sentidos é pensar o não pensado pela tradição, incorrer em um modo radicalmente outro de pensar.

Marca-se, neste modo outro de pensar, a distinção do pensamento de Heidegger para o de Husserl. Para Heidegger, o fazer filosofia não se trata mais de um encontro com âmbitos temáticos objetiváveis. Para este autor, a filosofia constitui uma tarefa, qual seja, a de buscar pensar o Ser desde o seu sentido e, sendo assim, “na medida em que se desvendam o sentido do ser e as estruturas fundamentais da pre-sença em geral, abre-se o horizonte para qualquer investigação ontológica ulterior dos entes não dotados do caráter da pre-sença”.¹¹

O Ser é o fenômeno originário para o qual se deve dirigir a investigação filosófica. De modo próprio, “a fenomenologia é a via de acesso e o modo de verificação para se determinar o que deve constituir tema da ontologia. *A ontologia só é possível como fenomenologia*. O conceito fenomenológico de fenômeno propõe, como o que se mostra, o Ser dos entes, o seu sentido, suas modificações e derivados”.¹²

A investigação filosófica que pretende percorrer o modo próprio de manifestação dos

¹⁰ LEÃO, Emmanuel Carneiro; WRUBLEWSKI, Sérgio. *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Texto e tradução. Petrópolis: Vozes, 1991.

¹¹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 68. Nesta tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback, *Dasein* é traduzido por pre-sença.

¹² HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 66.

entes deve ter como escopo o próprio homem, por ser este o espaço desde o qual o Ser se ilumina. Para Heidegger, "o homem já sempre imerge na compreensão do ser. Logo, o sentido do Ser se revela na análise das estruturas do próprio homem. Logo, fenomenologia vem ligada à analítica existencial, ao menos em *Ser e Tempo*".¹³ Deste modo, a temática do Ser que tem como via de acesso a fenomenologia não pretende ser a temática do Ser em geral, como se fosse possível um acesso sem mediações à este. O homem possui primazia entre os outros entes por ser aquele que, na referência ao Ser, possibilita um falar e um pensar sobre ele mediados por uma compreensão prévia e pela interpretação (*Auslegung*). Sempre já colocado na abertura ao Ser, o homem é o único ente que pode colocar o Ser e a si mesmo em questão: ele é capaz de se perguntar pelo ser que ele mesmo é, que o constitui. A fenomenologia como ontologia possui caráter hermenêutico. "O *lógos* da fenomenologia da pre-sença possui o caráter de um *hermeneuin*. Por meio deste *hermeneuein* proclamam-se o sentido do Ser e as estruturas ontológicas fundamentais da pre-sença para a sua compreensão ontológica constitutiva".¹⁴ Perguntando-se desde onde se dá tudo aquilo que é, dá-se, para o ente questionador (o *Dasein*), aberturas de sentido – *hermeneuein*.

Na perspectiva de *Ser e Tempo*, o *Dasein* (que é traduzido na edição brasileira por presença) é o ente que se compreende a si mesmo e compreende aos outros entes compreendendo o Ser.

A fenomenologia, para Heidegger, refere-se à análise das estruturas fundamentais do *Dasein* e, dessa forma, trata-se de uma analítica existencial da existência. Esta analítica estrutura-se por meio da hermenêutica. Hermenêutica refere-se, na concepção de Heidegger, a Hermes, o mensageiro dos deuses, o mediador entre deuses e mortais. O sentido de hermenêutica é interpretação como abertura de horizontes para que o Ser seja pensado.

O Ser pensado no horizonte do *Dasein* é sempre e a cada vez interpretado em seu caráter dinâmico. Os entes que se dão a partir do Ser não são simplesmente dados (o Ser se dá na dinamicidade) e, dessa forma, o *Dasein* também não é um ente já pronto. O *Dasein* se constitui em uma abertura. Esta abertura é a verdade como *alétheia*, como desencobrimento do Ser. O que diferencia radicalmente a análise empreendida por Heidegger a respeito ao *Dasein* de outros empreendimentos do pensamento da tradição refere-se à remissão do *Dasein* à manifestação

¹³ STEIN, Ernildo. "A Fenomenologia Hermenêutica". *Introdução ao Pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002 (Col. Filosofia: vol.152), p. 54

¹⁴ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 68.

originária do Ser. O *Dasein* encontra-se sempre remetido ao dar-se constitutivo do Ser e, dessa forma, encontra-se na abertura do acontecimento da verdade. O que se abre, então, na analítica do *Dasein*, não é uma teoria acerca do homem já constituído. Antes, vislumbra-se o jogo desde o qual homem e Ser se dão na abertura da verdade. Temos aí a própria dificuldade da tradução de *Dasein* por homem. Podemos ficar em algum conceito prévio e não ascendermos a uma compreensão mais radical de homem. Porque como já dissemos, não se trata do homem já dado, mas de um estar a ser (*Zu-Sein*), de uma abertura ao Ser que se lança para o porvir. Neste sentido, o *Dasein* constitui uma tarefa a ser assumida e não uma essência prévia de todo e qualquer mortal. Ele é a sua possibilidade e não uma essência pré-determinada. A essência do *Dasein*, podemos dizer, consiste em seu estar a ser, ou seja, em sua existência (*Existenz*); dá-se na dinâmica do Ser.

Dessa forma, a fenomenologia como analítica existencial tem de colher o Ser que se oferece à abertura constitutiva do *Dasein*. Ou seja, tem de colher o Ser como possibilidade que pode ou não vir a se atualizar por meio deste ou daquele ente. Com esta tarefa a filosofia deve se ocupar. A filosofia está sempre a caminho do Ser e deve colhê-lo em sua dinâmica, como possibilidade. Deve responder ao apelo do *phainomenon* originário, de modo que o seu discurso deixe ser o que se mostra desde o pôr-se a caminho do Ser.

O que se torna mais claro diante da analítica existencial de *Ser e Tempo*, diz respeito à vocação do *Dasein* para dar conta de colher a manifestação da verdade, de se constituir como intransferível referência ao Ser. Muito mais do que um exercício epistemológico, a filosofia diz respeito a um modo do *Dasein* de dar conta do que ele mais propriamente é. Delineia-se, dessa forma, o traço fundamental do que Heidegger compreende por fenomenologia. *Phainomenon* e *lógos* dizem o acontecer mais próprio do Ser em sua dimensão de mistério, a partir da abertura do *Dasein*. Nesta, o Ser se ilumina, mostrando e ocultando possibilidades. A fenomenologia como via de acesso da filosofia/ontologia - tarefa assumida pelo *Dasein* para dar conta de colher esse acontecimento que o afeta e constitui – dirige-se ao Ser que ao se dar, mostra-se no e como *phainomenon*. O *lógos* acolhe e reúne os entes e os libera para o encontro, no acontecimento do mundo, desde o qual o próprio *Dasein* se constitui. *Phainomenon/Lógos* dizem a fenomenologia como explicitação do que se passa com o Ser desde o seu sentido sempre e a cada vez revelado ao *Dasein*.